

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

JOÃO MÁXIMO SIMONI NETO

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL E SEU
ACERVO PICTÓRICO: um desafio museológico**

Porto Alegre

2019

JOÃO MÁXIMO SIMONI NETO

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL E SEU
ACERVO PICTÓRICO: um desafio museológico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Celina Figueira da Silva

Coorientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Rui Vicente Oppermann
Vice-Reitora Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora Karla Maria Müller
Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefia Samile Andréa de Souza Vans
Chefia Substituta Rene Faustino Gabriel Junior

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora Ana Celina Figueira da Silva
Coordenadora Substituta Márcia Regina Bertotto

CIP - Catalogação na Publicação

Simoni Neto, João Máximo
Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e seu Acervo Pictórico: um desafio museológico / João Máximo Simoni Neto. -- 2019.
74 f.
Orientador: Ana Celina Figueira da Silva.

Coorientador: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). 2. Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP). 3. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). 4. Gestão de Acervos. 5. Acervo Pictórico. I. Figueira da Silva, Ana Celina, orient. II. Gelmini de Faria, Ana Carolina, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação
Rua Ramiro Barcelos, 2705
Bairro Santana
Porto Alegre - RS
Telefone (51) 33085067
E-mail: fabico@ufrgs.br

JOÃO MÁXIMO SIMONI NETO

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL E SEU
ACERVO PICTÓRICO: um desafio museológico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Museologia.

Orientadora:

Prof^a. Dra. Ana Celina Figueira da Silva

Coorientadora:

Prof^a. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Aprovado em 18 de dezembro de 2019

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Ana Celina Figueira da Silva (Orientadora) - UFRGS

Prof^a Dr^a Márcia Regina Bertotto - UFRGS

Prof^a. Dr^a. Zita Rosane Possamai - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Devo a conclusão deste trabalho à inúmeras pessoas que acompanharam o início desta trajetória iniciada em 2014 quando do meu ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Começando por meus colegas e nossos incentivos recíprocos e ajuda mútua para a continuidade de todo o processo acadêmico. Seria injusto de minha parte citar apenas alguns, ou então, relatar todos que conviveram comigo nestes cinco anos, o que resultaria em uma lista, e apenas isto, mas podem ter certeza, que lembro de cada um, e de cada circunstância ocorrida. Porém, também seria muito injusto se alguns que eu tive uma convivência mais próxima não fossem nominados. Portanto, agradeço à Marilete Nicoli, que prematuramente nos deixou, e aos meus grandes amigos Amarildo Vargas, Nicholas Aguirre e Ana Cristina da Natividade, que sobremaneira auxiliaram, e discutiram comigo, as inúmeras vezes em que tive problemas e precisei de auxílio. Como não poderia deixar de lado a Luiza Ambrosi com seu equilíbrio, e principalmente à Agnes Moraes, que me ajudou de forma inestimável na produção deste TCC.

Às minhas professoras e professores, porque que em todos os parágrafos deste trabalho existe algo de cada um de vocês. Tudo que me foi ensinado está ali, pois lembro de cada aula e de cada trabalho desenvolvido, e de cada professora e professor, assimilei algum tipo de ensinamento que hoje aplico. Mas seria impossível relatar tudo isto em duas ou três páginas, mas sabem que continuo dialogando através de encontros eventuais na faculdade e usufruindo da continuidade dos saberes, não levarão a mal não serem citados nominalmente, mas saberão que moram em meu coração e em minha mente.

Mas devo citar minha professora Ana Carolina Gelmini de Faria, hoje minha coorientadora que em 2014 me recebeu para concretizar minha primeira matrícula no Curso de Museologia, e que nos semestres subsequentes foi minha professora de maneira quase ininterrupta. Foi ela quem me introduziu nos museus, especificando o que cada um queria dizer e significar, foi ela quem me apresentou à Waldisa Guarnieri, Mário Chagas, Zyrbnev Stransky, Hugues de Varine, Anna Gregoravá, e tantos outros que fazem os museus de hoje serem como são. E em todo este tempo estive sempre pronta para esclarecer dúvidas e me colocar no caminho correto, além de desculpar minhas eventuais falhas, mas sempre com

retidão e honestidade profissional. Muito obrigado Prof Carol, sem a sra. eu não estaria escrevendo este TCC.

À minha orientadora, professora Ana Celina da Silva, de quem recebi aulas de documentação museológica no segundo semestre de 2014, e a quem recorro até hoje. Uma das pessoas mais gentis e educadas que conheço, além de conhecedora de história e pesquisa museológica. Obrigado Ana Celina por ter aceitado ser minha orientadora.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, especialmente ao curso de Museologia, pela oportunidade de entender as possibilidades que o Museu pode proporcionar ao ser humano com o uso de suas próprias memórias.

RESUMO

O intuito deste trabalho foi a identificação de um possível acervo pictórico de caráter museológico sob salvaguarda do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, e constatada esta realidade, efetuar um arrolamento destas obras, utilizando embasamento teórico de autores com afinidade ao tema, tais como Krzysztof Pomian, Zbyněk Stránský, François Mairesse e André Desvallées, isto no parâmetro de acervo pictórico e caracterização tipológica. Assim como Ulpiano Bezerra de Menezes, Mario de Souza Chagas, Letícia Squeff e Johana W. Simit, no âmbito da abordagem de transposição de obra de arte para arte-documento, enfatizando a necessidade de catalogação e pesquisa museológica para a compreensão intrínseca de uma obra de arte. A partir destas definições, passou-se para o contexto histórico, onde é enfatizado que os procedimentos são diferenciados em função do decorrer do tempo. Concluiu que não só existe a ocorrência de objetos pictóricos sob a custódia do IHGRGS, como também na importância destas obras e na simbiose entre os institutos históricos e os museus.

PALAVRAS-CHAVE

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRGS). Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP). Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Acervo pictórico.

ABSTRACT

The aim of this work was the identification of a possible pictorial collection of museological character under the protection of the Historical and Geographic Institute of Rio Grande do Sul, and verified this reality. make a list of these works, using the theoretical basis of authors with affinity to the theme, such as Krzysztof Pomian, Zbyněk Stránský, François Mairesse, and André Desvallées, this in the parameter of pictorial collection and typological characterization. As Ulpiano Bezerra de Menezes, Mario de Souza Chagas, Leticia Squeff and Johana W. Simit, in the approach of transposition of work from art to document art, emphasizing the need for cataloging and museum research for the intrinsic understanding of a work of art. From these definitions, we moved to the historical context, where it is emphasized that the procedures are differentiated as a function of time. It was concluded, therefore, that not only does pictorial objects occur in the custody of the IHGRGS, but also in the importance of these works and in the symbiosis between historical institutes and museums.

KEY-WORDS

Rio Grande do Sul Historical and Geographic Institute (IHGRGS). Historical and Geographic Institute of the Province of São Pedro (IHGPSP). Brazilian Historical and Geographic Institute (IHGB). Pictorial Collection.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Trecho publicado pelo Correio do Povo em 07/08/2018	19
Figura 2 - Arquivo digitalizado pelo IHGB	21
Figura 3 - Foto do Imperador D.Pedro II em 1865	24
Figura 4 - Capa do livro que relata a viagem do Imperador ao RS em 1865	27
Figura 5 - Foto da primeira sede do IHGRGS	28
Figura 6 - Foto da atual sede do IHGRGS	29
Figura 7 - Sala de reuniões com mobiliário de época	31
Figura 8 - Reserva técnica do IHGRGS	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 OS INSTITUTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS: sua importância na História do Brasil.....	15
2.1 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – a história em objetos.....	16
2.2 Institutos Históricos e Geográficos Provinciais, ou “Os Longos Braços do Imperador”	21
2.3 Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul: 100 anos de existência.....	25
3 O IHGRGS E SEU ACERVO: origem e gestão.....	31
3.1 Acervo arquivístico.....	32
3.2 Acervo tridimensional e bidimensional pictórico de caráter museal.....	33
3.3 Acervo pictórico.....	34
3.4 Gestão de acervo.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE A - Arrolamento do acervo pictórico do IHGRGS.....	46
APÊNDICE B - Manual de preenchimento do IHGRGS.....	74

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, doravante tratado como IHGRGS, fundado em 1920 por um grupo de intelectuais gaúchos que se propunham a assumir o encargo de elaborar os discursos historiográficos do Estado do Rio Grande do Sul. Possui em seu acervo, além da documentação recolhida nestes quase 100 anos de existência, uma avultada biblioteca composta por mais de 60.000 itens, entre livros e periódicos, além de uma rica coleção de mapas. O acervo, em quase sua totalidade, é constituído por doações. Ocorreu que junto à documentação, mapas e livros, vieram acervos tridimensionais, ficando estes sem um destino específico. Existe, portanto, por parte do IHGRGS, a necessidade de caracterizar e documentar estes objetos compostos por peças tridimensionais e bidimensionais. Salienta-se que o acervo pictórico, com cerca de 40 peças, em salvaguarda no IHGRGS, é o objeto desta pesquisa.

A origem dos institutos históricos e geográficos em todo o Brasil parte da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, em pleno Brasil Imperial. O Imperador D. Pedro II, junto com intelectuais, religiosos (Jesuítas), militares e nobres, concluíram sobre a necessidade de demarcar e documentar o aspecto geográfico e histórico da ainda jovem nação brasileira. A história e a geografia documentadas eram essenciais para que a nação pudesse ser inserida como igual entre as outras nações, possibilitando participar como protagonista no aspecto internacional. Assim como, no cenário interno, havia a necessidade de historicizar a formação das fronteiras sob sua jurisdição. Para tanto, precisavam de informações dos confins do país, a fim de compilar e aglutinar os dados fornecidos. Houve inclusive um incentivo para a formação de mestres-escola (professores) em história e geografia, além de um fomento para a criação de institutos históricos e geográficos nas diversas províncias imperiais.

A Província de São Pedro, como era nominado o atual Estado do Rio Grande do Sul, fundou o Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP) nos idos de 1850, sendo que esta tentativa se resultou efêmera, durando menos de um ano. Alguns anos mais tarde, em 1860, teve início a existência do segundo IHGPSP que, com uma participação de líderes políticos e militares

conseguiu perdurar até 1864, inclusive com a edição de cinco revistas institucionais, sendo que dois exemplares fazem parte do acervo do IHGRGS. A Biblioteca Nacional possui os cinco exemplares sob sua salvaguarda.

O IHGRGS foi fundado em 1920, já no período republicano, ou seja, 60 anos depois do fim do IHGPSP. Precisamente em 5 de agosto, um grupo de intelectuais assinou a ata de sua criação, sua finalidade era elaborar a história e a geografia do Estado do Rio Grande do Sul. O seu acervo proviria de doações sistemáticas de seus membros, como também de seus descendentes e da sociedade. Junto com a documentação, existiam objetos tridimensionais, assim como bidimensionais, e este acervo pictórico é o que se propõe investigar nesta pesquisa.

A partir da realização de meu segundo Estágio Curricular Obrigatório Supervisionado do Curso de Museologia, exercido no IHGRGS, tive a oportunidade de realizar uma imersão em uma proposta surgida há 200 anos no Brasil Império, e com a continuidade destes desígnios no IHGRGS, a partir de 1920. O contato com a instituição durante o período do estágio curricular permitiu-me aprofundar meus conhecimentos sobre o IHGRGS, dirimindo dúvidas sobre sua constituição e organização.

O IHGRGS está sediado em um prédio de três andares na Rua Riachuelo, em pleno Centro Histórico de Porto Alegre. Fui muito bem recebido e levado a conhecer os vários departamentos: secretaria, recepção, sala de reuniões, gabinete do presidente, biblioteca e acervos arquivísticos. Além dos três andares repletos de documentos, presenciei em corredores e salas, dezenas de quadros com motivos históricos e de variadas técnicas. Uma das minhas dúvidas preliminares fora respondida: existe um acervo de caráter museológico no IHGRGS.

O estágio proposto foi voltado ao reconhecimento preliminar deste acervo pictórico. A iniciativa foi bem acolhida e os devidos acertos aprovados pela direção do IHGRGS. No decorrer do estágio foi constatada a existência de 46 pinturas. O contato com estes itens foi ampliado nesta pesquisa de conclusão de curso, que teve a finalidade de pesquisar este patrimônio histórico, tendo por ênfase a gestão de acervos de caráter museológico. Concebeu-se então, as seguintes questões norteadoras: como se caracteriza o acervo pictórico do IHGRGS? Existe uma política de gestão em relação a este acervo? Em caso afirmativo, de que maneira ela é exercida?

Portanto, a partir de um primeiro contato com o IHGRGS foi possível conhecer melhor seu acervo e formular questionamentos que resultaram na pesquisa apresentada neste trabalho. Para responder aos problemas de pesquisa foi definido como objetivo geral diagnosticar indicativos da musealidade da coleção pictórica com ênfase na gestão deste acervo, e como objetivos específicos mapear esta coleção, caracterizando os referidos objetos e identificar as temáticas representadas neste patrimônio cultural. Considera-se importante a aproximação dos estudos museais com o IHGRGS, pois como referido anteriormente, o mesmo completa 100 anos de existência em 2020. Esta história institucional está contada não somente no seu acervo bibliográfico e arquivístico, mas também na cultura material preservada ao longo destes anos, e cabe o exercício de correlacioná-los.

A partir destas considerações, a pesquisa se configurou como básica e descritiva, de caráter quanti-qualitativo. O acesso às informações veio por meio de pesquisa documental, como termos de doação de acervo e fontes bibliográficas, tais como as revistas editadas pelo IHGPSP e IHGRGS, além de consultas às atas do Instituto. A segunda parte do trabalho se debruçou no próprio acervo pictórico do IHGRGS, iniciando por um arrolamento e diagnóstico do estado atual destes objetos. Esta metodologia envolveu a elaboração de uma ficha (Apêndice A), como também um manual para preenchimento (Apêndice B), base para catalogação e pesquisas posteriores, além da possibilidade futura de um livro-tombo, ora inexistente, favorecendo um debate analítico sobre a gestão de acervos desta coleção. Conceitos como coleção e colecionismo (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013; POMIAN, 1984), gestão de acervo (LADKIN, 2004) e musealização (STRANSKY, 2017), contribuem para o debate.

Portanto nesta introdução, fica caracterizada a existência de um acervo pictórico no IHGRGS, que é a finalidade inicial deste projeto, além de especificar e tipificar este acervo e sua gestão, dando margem e oportunidade para novas pesquisas, tanto museológicas quanto históricas.

O segundo capítulo tem como título **OS INSTITUTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS: sua importância na História do Brasil** e trata das origens e o contexto que levaram à criação inicialmente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e, posteriormente, à necessidade de congêneres por todo o território nacional, inclusive o atual IHGRGS.

No terceiro capítulo, intitulado **O IHGRS E SEU ACERVO: origem e gestão** é abordado o acervo de caráter museológico, suas peculiaridades e tipificações. Foram anexadas fichas de arrolamento com as devidas fotos e algumas indicações preliminares que permitirão possíveis pesquisas futuras.

Finalmente, o quarto capítulo, denominado **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, apresenta os problemas encontrados e as dificuldades de gestão, porém enfatizando e exemplificando as inúmeras possibilidades de pesquisa museal e histórica que o acervo, sob salvaguarda do IHGRGS, oferece.

2 OS INSTITUTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS: sua importância na História do Brasil

O Brasil, desde a chegada de Pedro Álvares Cabral em 1500, teve suas fronteiras indefinidas por um longo período de tempo, à mercê tanto das cortes portuguesas quanto espanholas, com suas desavenças e contínuos tratados retificadores que tentavam compor acordos para demarcar os respectivos territórios, além dos interesses regionais de portugueses e espanhóis na conquista de espaços continentais para seus respectivos países (DORFMAN; FRANÇA; ASSUMPÇÃO, 2015).

O amplo território brasileiro carecia de gente para se manter e, se possível, ampliar suas fronteiras. A Coroa Portuguesa loteou e repartiu os espaços em sesmarias, doando estes enormes territórios a portugueses que se dispusessem e se comprometessem a povoar e consolidar sua posse em nome de Portugal.

Tanto no norte como no sul as fronteiras do Brasil foram permeáveis e mutáveis. Os exemplos abundam, holandeses e franceses tentando permanência no Maranhão, Pernambuco e Rio de Janeiro e, no sul, os espanhóis que lutavam para manter os antigos Tratados de Tordesilhas, Madrid e Santo Ildefonso.

Além das fronteiras estarem sempre em movimento, o Brasil, tanto no Império quanto na República, foi uma nação expansionista, assim as demarcações fronteiriças foram a favor de quem as marcou. Mas eram erráticos também os processos que pudessem autenticar estas alterações com fontes fidedignas a que se pudesse recorrer para alguma demanda, como observado por Pesavento (1984) em seu livro História do Rio Grande do Sul. Nesse sentido, os institutos históricos e geográficos exerceriam papel fundamental, na medida em que seriam os guardiões da documentação a ser utilizada na pesquisa e escrita da história nacional, incluindo a formação e delimitação de nossas fronteiras.

Com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil em 1808, novos ares intelectuais e civilizatórios começaram a ser introduzidos na estrutura colonial, mas foi a partir de 1831, com o início do reinado de D. Pedro II, que se potencializou a consciência da necessidade de uma documentação realmente comprobatória sobre a história e a geografia brasileira. A solução foi buscada em Portugal e em outros países europeus, através de seus vários institutos históricos e geográficos, que

coligiam e documentavam a história daqueles países e que serviram de modelo na formação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

2.1 Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - a história em objetos

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi fundado no Rio de Janeiro em um domingo, dia 28 de outubro de 1838, por 27 cavalheiros da sociedade local, em um amplo salão do Paço de São Cristóvão, residência oficial do Imperador D. Pedro II, o qual presidiu a primeira sessão como Presidente de Honra Vitalício. O Imperador, junto com o cônego Januário da Cunha Barbosa, e o marechal Raimundo José da Cunha Matos, foram os idealizadores da criação do IHGB (SCHWARCZ, 1993), seu primeiro presidente oficial foi José Feliciano Pinheiro (Visconde de São Leopoldo). Note-se que o dia escolhido foi um domingo, o que denota o caráter não profissional da instituição, e sem cargos remunerados.

Os objetivos do instituto eram escrever e descrever a história e a geografia da nação, mas de uma maneira metódica e unificada, e ao mesmo tempo dedicada à exaltação e glória da pátria, espelhando-se nos vários institutos de países europeus. A monumental tarefa de “**colligir, methodizar e guardar**” (RIHGB, 1839 apud SCHWARCZ, 1993, p.99, grifo da autora) “[...] documentos fatos e nomes para finalmente compor uma história nacional para este vasto país, carente de delimitações, e não só territoriais” (SCHWARCZ, 1993, p. 99).

A ideia inicial era formar e documentar uma história oficial capitaneada pelo IHGB, por seus fundadores, compostos por nobres, militares, religiosos e cidadãos proeminentes. Mas, principalmente, por uma perspectiva monárquica, ditada por seu mais importante membro e mecenas, o Imperador D. Pedro II. O termo “história oficial” denota também uma rejeição a qualquer outra versão, assim como a heróis não avalizados pelo IHGB.

A revista do IHGB, em sua primeira edição em 1839, especifica que:

Daí-me a carta de um paiz, sua configuração, seu clima, suas águas, seus ventos e toda a sua geographia física, informa-me de suas produções naturais, de sua flora e geologia, e me comprometo a dizer-vos a priori qual será o homem deste paiz. (RIHGB, 1839 apud SCHWARCZ, 1993, p.99)

Esse era um projeto ambicioso, devido especialmente ao tamanho gigantesco da nação. Inicialmente a documentação provinha basicamente do próprio

Rio de Janeiro, através de doações dos sócios do IHGB, principalmente do próprio imperador.

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, conhecido como D. Pedro II, nasceu no paço de São Cristóvão em 2 de dezembro de 1825. Orfão de mãe antes de completar um ano de idade, foi aclamado imperador aos cinco e sua maioridade decretada aos 14 anos de idade. Sua mãe, D. Carolina Josepha Leopoldina (1797-1826), austríaca, apaixonada pelas ciências naturais, teve papel de destaque na criação do Museu Real em 1818, atual Museu Nacional (DANTAS, 2007). O menino cresceu em um ambiente intelectual e erudito, e logo tomou para si várias atribuições, inclusive a reforma do Paço de São Cristóvão aos 14 anos de idade.

Com a continuidade de doações para o IHGB, além de documentos, vinham também objetos de variadas procedências, conseqüentemente houve a intenção de se criar um museu inerente ao instituto. Em 1842, na Revista do IHGB, tomo IV, uma carta do sócio desembargador Rodrigo de Souza e Silva Pontes aponta que:

[...] para cabalmente preencher toda a amplitude de sua instituição, precisa de criar um museu, em que não só colija e guarde os produtos naturais do país, mais ainda e principalmente quanto possa servir de prova do estado de civilização, indústria, usos e costumes dos habitantes do Brasil [...]. (RIHGB, 1842 apud BITTENCOURT, 2005, p.200)

As revistas trimestrais do instituto, através das atas das sessões ordinárias que publicavam a lista de entradas de objetos tridimensionais, pode ser comparada a um inventário atabalhado. São milhares de itens, tais como medalhas: moedas, pedras preciosas, espadas, objetos indígenas, etc., reunidos aparentemente sem sistemática. Nesse período iniciou-se um processo de estímulo à criação de entidades congêneres nas províncias, visando preencher as lacunas de informação, tanto históricas, quanto geográficas. Mas sempre sob a orientação do IHGB, que almejava uma história única e uniformemente contada, ou seja, buscava documentos, informações e objetos históricos ou de caráter natural que seriam arrolados e identificados. O instituto tomaria para si, então, a tarefa de escrever a história de uma maneira unificada sob a perspectiva imperial, e não regional. Assim, o IHGB e o Imperador D. Pedro II iniciaram o processo de um museu histórico do Brasil, conforme Mário de Souza Chagas relata:

Durante o governo de Pedro II, a imaginação museal brasileira foi uma das ferramentas utilizadas na construção ritual e simbólica da nação, que parecia crescer junto com o jovem governante. Além de constituir uma nova inteligência, era preciso desenvolver novos dispositivos de produção do passado e de fixação de memória. (CHAGAS, 2009, p.68)

O Governo Imperial, através do IHGB, incentivou, portanto, a criação de vários institutos históricos nas províncias imperiais, com a clara intenção de ter entidades congêneres em todo o território pátrio, subsidiárias de uma matriz centralizadora e exigente. Começou então, um fluxo contínuo de acervo documental e, também, tridimensional. Isto ocorreu entre 1838 e 1860, conforme afirma José Neves Bittencourt em um artigo nos Anais do Museu Histórico Nacional:

De toda maneira, é notável, após 1860, a queda nas remessas de objetos dos tipos que temos relacionado até o momento. Entre 1839 e 1860 observa-se pelo menos uma entrada de amostras de objetos de história natural e/ou objetos indígenas a cada duas sessões ordinárias, a pós a data assinalada, tais entradas reduzem-se drasticamente, até desaparecerem no início da década seguinte. Teriam os eruditos acadêmicos, de uma hora para outra, perdido o interesse pelas riquezas da pátria? (BITTENCOURT, 2005, p.204)

A partir de 1860, o Imperador realizou algumas alterações na estrutura do governo, o IHGB saiu da tutela do Ministério do Império e passou a receber sua dotação orçamentária do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, juntamente com o museu imperial (atual Museu Nacional), então sob a direção de Ladislau Netto, que logo se tornou membro ativo do IHGB. Nota-se aqui uma estreita relação entre o Museu Imperial e o IHGB, havendo uma intensa troca de acervos entre as partes, ou seja, as doações de objetos de caráter científico iam para o Museu Imperial enquanto os de valor histórico permaneciam no IHGB. Em 1881, encontra-se a seguinte proposta encaminhada por Ladislau Netto em sessão ordinária no IHGB (RIHGB, 1884 apud BITTENCOURT, 2005, p.205): “Proponho que as amostras de produtos naturais que se acham no Instituto Histórico sejam permutadas com objetos de interesse puramente histórico que existem no Museu Nacional”.

A Família Imperial foi exilada em 1889 com a proclamação da República, mas apenas em 1892 foi oficialmente reconhecido o Museu Nacional como ocupante do Paço de São Cristóvão, mantendo-se sob a direção de Ladislau Netto, que também permaneceu como conselheiro do IHGB.

A trajetória da localização do IHGB iniciou em 1838, data de sua fundação, na Sociedade Auxiliadora da Indústria, SAIN, onde permaneceu até 1840, para então mudar-se para o paço da cidade, no terceiro pavimento do antigo Convento do Carmo, ao lado da Capela Imperial, onde hoje se acha instalada a Universidade Cândido Mendes, em cuja entrada principal foi aposta uma placa evocativa, em 2001, sobre o funcionamento do IHGB naquele local. Houve, porém, a necessidade de obras naquele espaço, mudou-se então o Instituto, de junho a agosto de 1906, para o Real Gabinete Português de Leitura, localizado na atual Rua Luís de Camões, número 30 na cidade do Rio de Janeiro.

Em 21 de outubro de 1913, o Conde de Afonso Celso instalou o IHGB na ala que edificara para sua sede, na esquina das avenidas Augusto Severo e Teixeira de Freitas, no mesmo local que, em 1972, após concluída a construção, foi inaugurada a sede atual. Em 1918 o Governo Federal mandou publicar, no diário oficial, a criação de um “Museu Nacional Histórico” ao encargo do IHGB, e no artigo 6º, reza que “[...] para combater as despesas fica o governo a aumentar a subvenção do Instituto” (MUSEU NACIONAL HISTÓRICO, 2018, p.16) (Figura 1).

Figura 1 - Trecho publicado pelo Correio do Povo em 07/08/2018

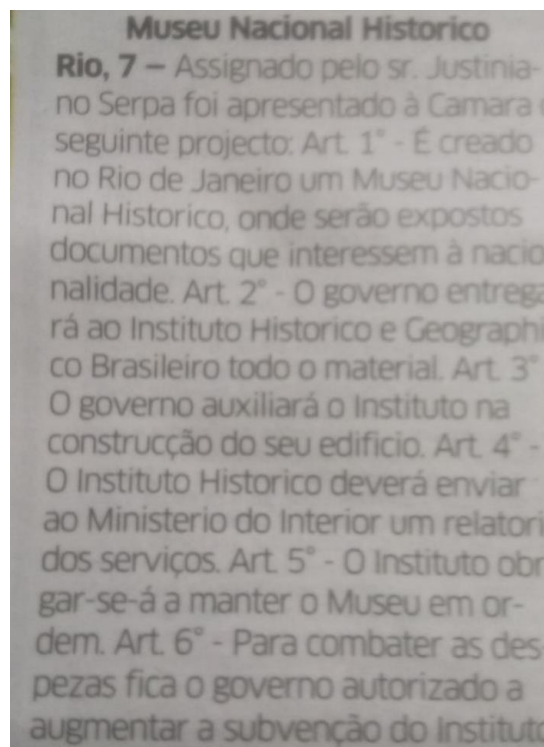


Foto: do autor, 2019. Fonte: MUSEU NACIONAL HISTÓRICO, 2018.

Pode-se observar que desde 1860 havia a intenção de separar acervos, sendo que os de caráter natural ficariam com o Museu Nacional e, o acervo histórico, com o IHGB. Mesmo com a implantação da República em 1889, os planos continuaram em andamento, embora, em 1922, o Museu Histórico Nacional tenha sido criado. Hoje, o Museu Nacional Histórico é conhecido apenas como Museu do IHGB. Há margens para uma pesquisa que evidencie e esclareça as permutas entre o Museu Nacional, o Museu Nacional Histórico e o Museu Histórico Nacional.

Em 3 de agosto de 1955 a Lei nº 2554, sancionada pelo Presidente João Café Filho, autorizou a cedência ao IHGB do terreno situado na Av. Augusto Severo, nº 4. No ato foi concedida, a título de auxílio, a importância de 8 milhões de cruzeiros, acrescida pela Lei nº 3442, em 30 milhões de cruzeiros. A escritura foi lavrada em janeiro de 1957 e aprovada pelo Tribunal de Contas da União. Porém, o prédio só foi possível de construir graças ao empréstimo concedido pela Caixa Econômica Federal, que na época era presidida por Pedro Calmon, também membro do Conselho do IHGB. Obteve-se, anos depois, a quitação do débito hipotecário junto ao Governo Federal (IHGB, s.a.).

A inauguração da nova sede, que até hoje abriga o IHGB, teve lugar no dia 5 de setembro de 1972 com a presença do Presidente da República, Gen. Emílio Garrastazu Médici. É de salientar que desde sua fundação, em 1838, até aos dias atuais, os estatutos do IHGB, colocam como presidente de honra sempre o chefe da nação. Portanto, o Instituto recebeu, e recebe, subsídios garantidos desde o Império até hoje durante o período republicano¹.

O edifício de 13 andares, localizado na Av. Augusto Severo nº 8, bairro Glória, Rio de Janeiro, é, do nono ao décimo terceiro andar, ocupado pelo IHGB. O espaço possui uma biblioteca e hemeroteca, com títulos do século XVI ao XXI, muitos doados pelo Imperador D. Pedro II, além de arquivo e acervo de iconografia, com mais de 160.000 documentos, entre manuscritos, papéis oficiais, cópias de época, álbuns e fotos.

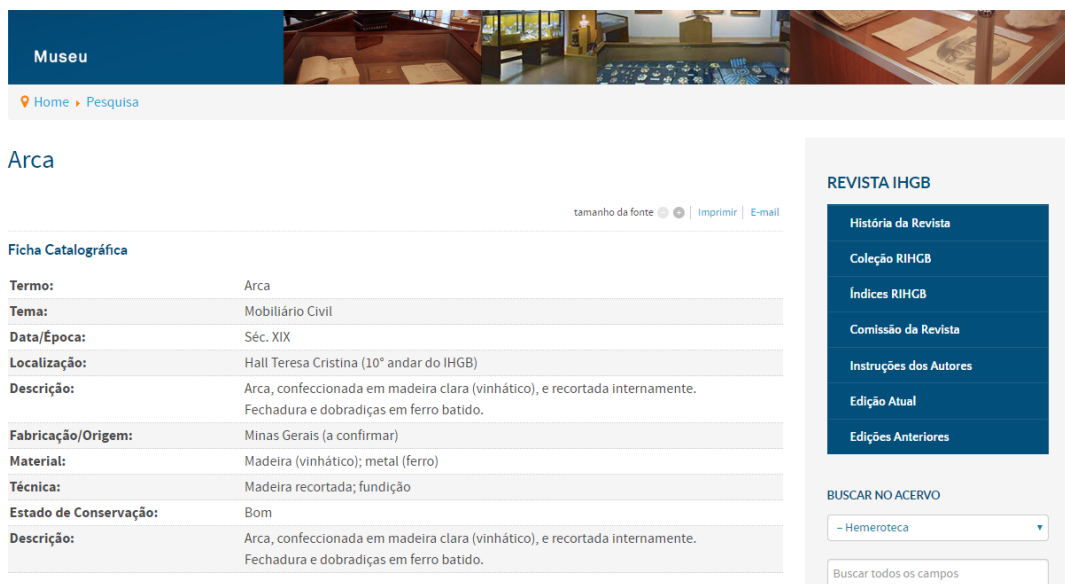
O prédio também abriga, no décimo terceiro andar, o Museu do IHGB, o qual detém um acervo que descreve a trajetória do Instituto, desde sua fundação em 1838. Ao lado de outras peças de valor histórico e artístico, exhibe pinturas, louça brasonada, cristais, condecorações, arte popular brasileira e objetos pessoais de

¹ Esta última informação obtive de um membro do conselho do IHGB, quando em visita à sede em março de 2019.

figuras da história do Brasil e de antigos sócios. Encontra-se fechado desde dezembro de 2018, sem data para reabrir. A saída da museóloga, e a não contratação de outro profissional impedem a reabertura, conforme informação dada por um membro do Instituto.

Mapotecas, atlas e mapas, de especial importância os antigos, tanto do Brasil como do mundo, compõem a coleção cartográfica. Os arquivos estão todos digitalizados e à disposição para consultas (Figura 2). Uma ampla sala para pesquisa, com computadores e mesas, e um arquivista, permitem o acesso.

Figura 2 - Arquivo digitalizado pelo IHGB



The image shows a screenshot of the IHGB digital archive website. At the top, there is a navigation bar with 'Museu' and a breadcrumb trail 'Home > Pesquisa'. Below this, the title 'Arca' is displayed. To the right of the title, there are options for 'tamanho da fonte', 'Imprimir', and 'E-mail'. The main content area is titled 'Ficha Catalográfica' and contains a table with the following information:

Termo:	Arca
Tema:	Mobiliário Civil
Data/Época:	Séc. XIX
Localização:	Hall Teresa Cristina (10º andar do IHGB)
Descrição:	Arca, confeccionada em madeira clara (vinhático), e recortada internamente. Fechadura e dobradiças em ferro batido.
Fabricação/Origem:	Minas Gerais (a confirmar)
Material:	Madeira (vinhático); metal (ferro)
Técnica:	Madeira recortada; fundição
Estado de Conservação:	Bom
Descrição:	Arca, confeccionada em madeira clara (vinhático), e recortada internamente. Fechadura e dobradiças em ferro batido.

To the right of the catalog entry, there is a sidebar titled 'REVISTA IHGB' with a menu containing: 'História da Revista', 'Coleção RIHGB', 'Índices RIHGB', 'Comissão da Revista', 'Instruções dos Autores', 'Edição Atual', and 'Edições Anteriores'. Below the menu is a search section titled 'BUSCAR NO ACERVO' with a dropdown menu set to '- Hemeroteca' and a search input field with the placeholder text 'Buscar todos os campos'.

Fonte: Acervo digital IHGB. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/pesquisa/museu.html>. Acesso em: set. 2019

A origem do acervo do IHGB, e sua importância para a história do Brasil, se deve não só às doações de seus sócios, mas também aos vários institutos históricos e geográficos criados à imagem do Instituto original, tema que será abordado no próximo item.

2.2 Institutos Históricos e Geográficos Provinciais, ou “Os Longos Braços do Imperador”

Após a fundação do IHGB, em 1838, e no decorrer dos anos, foi cada vez mais acordado que para construir uma história da nação brasileira, seria essencial

contar com congêneres, ou talvez seja mais apropriado dizer sucursais, talvez filiais, por todo o território Imperial. Houve então, por parte do IHGB, o incentivo para que fossem criados institutos históricos e geográficos em províncias-chave que pudessem contribuir de maneira inequívoca com a historiografia da nação. Mas suas evidências seriam interpretadas e documentadas sob a condução de diretrizes do IHGB e seus sócios. A finalidade seria construir uma história única e coesa. O presidente de honra do Instituto, como já apontado, era o Imperador D. Pedro II, o qual fazia questão de comparecer às reuniões e presidi-las (BOEIRA, 2008).

A Província de São Pedro, atual Estado do Rio Grande do Sul, foi palco de uma tentativa de criar um Instituto espelhado no IHGB, denominado Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro (IHGPSP). Ocorrido em 1852-1855, foi presidido pelo então Presidente da Província, João Lins Cansansão de Sinimbu, mas esta iniciativa durou apenas 2 anos. A ideia foi retomada em 1860, porém também com curta duração, até 1863, mas chegou a lançar e publicar cinco números de uma revista trimestral. O IHGRGS possui duas delas em seu acervo, e a Biblioteca Nacional todos os cinco números (PORTO ALEGRE, 2013).

Portanto, a Província de São Pedro teria sido pioneira na formação de Institutos Históricos e Geográficos no Império, porém me deparei, neste ponto, com uma dissonância histórica: no livro “O Espetáculo das Raças”, escrito por Lilia Moritz Schwartz, na página 117, edição de 1993, afirma que:

[...] aos vinte e oito dias do mez de janeiro do anno de 1862, 41º aniversário da independência e do império do Brasil e aniversário da restauração de Pernambuco do poder dos Holandezes (Riagp, VI.XI: 332), era fundado o Instituto Arqueológico e Geographico Pernambucano. A sessão solene que inaugurou os trabalhos foi acompanhada de toda a pompa e distinção, próprias ao decoro que exigia a ocasião. Afinal estava para ser criado o segundo instituto histórico do Brasil.

Após algumas pesquisas, concluí que a fonte de Lilia Schwarcz foi o IHGB, e como o IHGPSP ainda não havia sido reconhecido, apenas o foi em 1863, como aponta Luciana Fernandes Boeira (2008) em seu artigo:

Concede autorização a Instituto Histórico e Geográfico Rio Grandense na Província de São Pedro, para continuar a exercer suas funções e aprova os respectivos estatutos. Atendendo ao que representou a Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico Rio Grandense estabelecido na Província de São Pedro e de conformidade com o parecer da Secção dos Negócios do Império do Conselho de Estado, exarado em consulta de 7 de julho do corrente anno: Hei por conceder ao mesmo Instituto autorização para

continuar a exercer suas funções, e aprovar os respectivos estatutos, ficando as alterações que neles se fizerem sujeitas à aprovação do Governo Imperial, e substituindo-se o art. 3º pelo seguinte: - o Instituto poderá estabelecer prêmios para as composições que tratem dos assuntos no art. 1º, assim como poderá dar, dentro do recinto de suas sessões, as demonstrações de apreço, que julgar apropriadas aos sócios e qualquer outras pessoas que lhe tenham prestado serviços relevantes em relação àqueles mesmos assuntos. O Marquês de Olinda, Senador do Império, Conselheiro de Estado, Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, assim o tenha entendido e faça executar. Palácio do Rio de Janeiro em vinte e oito de Outubro de mil oitocentos sessenta e três, quadragésimo segundo da independência e do Império. (CIBILIS, 2000 apud BOEIRA, 2008, p. 9)

Portanto, está correta a afirmativa de Lilia Schwarcz, porque como o IHGPSP só passou a existir oficialmente em 1863, casualmente no mesmo ano de sua extinção, o Instituto Arqueológico e Histórico de Pernambuco foi o segundo instituto histórico a ser criado no Brasil, logo após a criação do IHGB.

Havia várias razões para o Imperador, e por conseguinte o IHGB, ter restrições à Província de São Pedro. Há pouco tempo a Guerra Farroupilha (1835-1845), e a proclamação de independência tinham acontecido, as mortes foram inúmeras, ainda era uma província rebelde e sob suspeição. Seus heróis eram regionais, indo em sentido contrário ao processo centralizador e à pretensão de contar uma história brasileira sob a supervisão e coordenação do Império. Alexandre Lazzari em um artigo de 2007, intitulado *A nação na província: o IHGB, o Rio Grande de São Pedro e a história nacional*, aponta que Antonio Pereira Coruja, conselheiro do IHGB, oriundo da Província de São Pedro e um dos idealizadores do IHGPSP, tinha um vocabulário diferenciado:

[...] o vocabulário riograndense de Coruja era uma reação à desconfiança dos intelectuais fluminenses, que preferiam idealizar romanticamente as raízes da língua nacional entre povos indígenas extintos, do que entre turbulentos e belicosos camponeses armados da fronteira meridional. Além de serem considerados mais bárbaros que civilizados, os “monarcas” das coxilhas riograndenses ainda podiam ser associados ao caráter nacional dos países republicanos do Prata, compartilhando a má fama dos caudilhos e dos “gaúchos platinos. Para o professor, tornar sua fala compreensível era uma estratégia para que pudessem ser reconhecidos como legítimos brasileiros e súditos do Imperador. (LAZZARI, 2007, p. 4)

Foram fundados nesta época, o Instituto de Arqueologia e Geografia de Pernambuco em 1862 e o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, no mesmo ano, mas este, porém, teve várias interrupções em sua existência, só se tornando

realmente efetivo em 1932, já no período republicano. Poderíamos afirmar que o período 1860-1863 foi uma época pródiga para os intentos do Imperador de consolidar a história do país conforme a visão centralizadora do IHGB, como também o enriquecimento do acervo bidimensional e tridimensional para dividir entre o Museu Imperial e o IHGB. Cabe citar a visita do Imperador D. Pedro II à Província de São Pedro em 1865, o qual aparece em uma foto com indumentária típica da Província (Figura 3), o original desta foto pertence ao acervo da Fundação Biblioteca Nacional. Esta visita deveu-se à necessária presença do Imperador para o início da Guerra do Paraguai.

Figura 3 - Foto do Imperador D. Pedro II em 1865



Foto: do autor, 2018. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional, 2018.

O IHGPSP foi descontinuado em função das guerras platinas, contra o Uruguai, e depois contra o Paraguai, os sócios (militares e alguns líderes civis) alegavam que precisavam estar mobilizados em razão disto. Porém, segundo o atual Presidente do IHGRGS, Dr. Miguel do Espírito Santo, houve uma tentativa de continuidade atrelada à criação do Parthenon Litterario em 1868, inclusive com um convite ao Dr. Caldre e Fião, um dos fundadores do IHGPSP para participar, tendo a anuência deste. Funcionou no nº 189 da Rua da Igreja (atual Rua Duque de Caxias), mas as evidências históricas sobre essa sede são bastante rarefeitas.

No próximo item, será abordada a criação do IHGRGS, seu caráter e suas sedes, seu acervo arquivístico e tridimensional.

2.3 Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul: 100 anos de existência

O IHGRGS foi fundado em 5 de agosto de 1920 por um grupo de intelectuais gaúchos, que institucionalizaram e tomaram para si o encargo de elaborar e salvaguardar a memória e a história do Rio Grande do Sul. Como já tínhamos afirmado no capítulo anterior, havia uma insistência entre os líderes sul-riograndenses em ter um instituto histórico e geográfico que regionalizasse esta história em sua própria geografia e com heróis aqui nascidos.

O jornal O Estado de São Paulo em 7 de agosto de 1920, p.2, (apud SILVEIRA, 2008, p.22) publicou que:

A fundação de um instituto histórico e geográfico-Porto Alegre, 4 – por iniciativa dos srs. Otavio Augusto de Faria, Tenente Souza Docca, Capitão Manoel Joaquim de Faria Corrêa e Dr. Florêncio de Abreu e Silva, haverá amanhã, no salão do arquivo público do estado, uma reunião das pessoas que se dedicam ao estudo da história e geografia, para a fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Servirão de base para a organização deste instituto os estatutos do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. O instituto terá uma revista mensal ou trimestral, e se ocupará exclusivamente de assuntos que se relacionem com a geografia e a história do estado.

Portanto, o IHGRGS seguiria os moldes do IHGB, de exercer o dever de contar a história oficial. Porém, com uma diferença: a linha mestra de nacionalismo e centralização, com uma história única, conforme o desejo do Imperador ainda em 1838 quando da fundação do IHGB seria, não substituída, mas contada de uma maneira regional e com heróis próprios.

Manoel Luis Salgado Guimarães (1988), aponta que no ano de fundação do instituto:

Januário da Cunha Barbosa, na qualidade de primeiro secretário do IHGB, apresenta em discurso de caráter programático os estatutos da recém criada instituição, então aprovados, que definem duas diretrizes centrais para o desenvolvimento dos trabalhos: A coleta e publicação de documentos relevantes para a História do Brasil. Constituindo-se numa central, que incentivando a criação de institutos históricos provinciais,

canalizasse de volta para o Rio de Janeiro as informações sobre as diferentes regiões do Brasil. (GUIMARÃES, 1988, p. 8)

Observa-se então que desde 1850, com o primeiro IHGPSP, e depois com o segundo em 1860, e reconhecido pelo IHGB apenas em 1863, sempre existiu uma enorme afinidade de propostas entre os dois institutos - a narrativa de uma história oficial: O IHGB com o projeto nacional de uma só história e um só panteão, e o outro com uma história regional e com heróis próprios. Aliás, um destes heróis foi prisioneiro no Rio de Janeiro por ter se revoltado contra o domínio imperial, o General Bento Gonçalves da Silva, ao proclamar a República Riograndense. Veremos no decorrer do texto, que o foco diferenciado na história regional implicará nitidamente em acervos distintos em vários aspectos (RODRIGUES, 2017).

A relação da Província de São Pedro com o Império foi um pouco tumultuada. Além disso, havia desavenças entre os líderes riograndenses, conforme podemos verificar, por exemplo, no livro escrito por Gervásio José da Cruz (1865), segundo oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha. Um livro raro pertencente à Biblioteca do Senado (Figura 4) onde seu autor conta a viagem de D. Pedro II à Província de São Pedro em 1865.

[...] a Província do Rio Grande precisava então, mais do que nunca, de união e concórdia; infelizmente achava-se por esse tempo retalhada em partidos que mutuamente se hostilizavam: nossos mais aguerridos e valentes generaes não se entendiam; e por outro lado, a Presidencia da Província, segundo a notoriedade publica, testificada pela declaração que na camara temporária fizeram os Deputados Rio Grandenses, não offerencia bastantes e seguras garantias para desvanecer essas desintelligencias, ou cortar essas difficuldades, o que todavia era urgente se fizesse sem demora, incontinente (CRUZ, 1865, p.3)

Figura 4 - Capa do livro que relata a viagem do Imperador ao RS em 1865

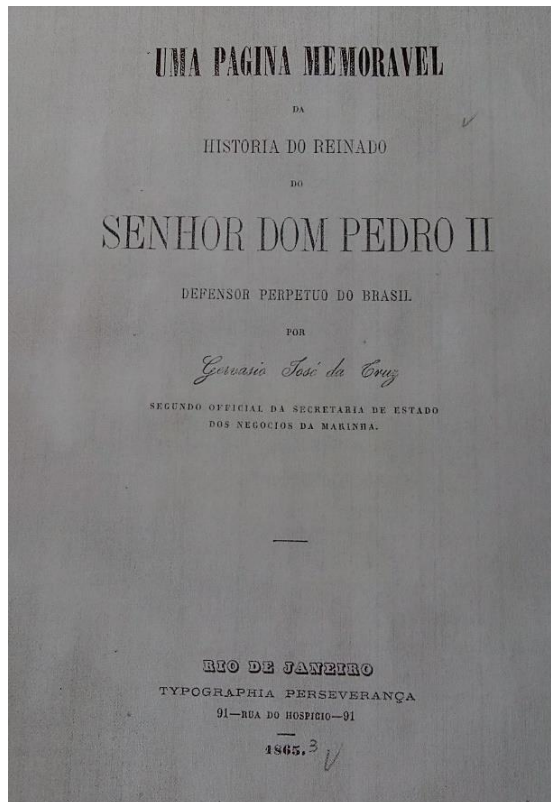


Foto: do autor, 2019. Fonte: CRUZ, 1865, folha de rosto.

O livro versa sobre a segunda viagem do Imperador à Província de São Pedro em 1865, para tratar do término da guerra contra o Paraguai, quando da retomada da Vila de Uruguaiana. A primeira viagem foi em 1845 para o acordo que pôs fim à Guerra dos Farrapos.

Esta trajetória que culmina em 1920 com a fundação do IHGRGS, ocasionou, através das variadas dissidências políticas, a criação, em 1868, de uma instituição denominada Parthenon Litterario, tendo como um dos fundadores Manoel Marques de Souza, Conde de Porto Alegre, depois agraciado pelo Imperador como Barão de Porto Alegre, como também o Dr. Caldre e Fião, sendo que os dois já haviam integrado o IHGPSP até o seu término em 1863. A instituição chegou a ter em 1872 uma biblioteca com seis mil volumes, e um museu com um acervo de mais de 4.000 itens divididos nas seções de mineralogia, arqueologia, numismática, botânica e zoologia (BOEIRA, 2009). Relato este que reafirma a vocação das instituições de terem museus em suas dependências.

O IHGRGS, apesar de ter sido fundado em 5 de agosto de 1920, apenas em 19 de novembro do mesmo ano foi que ocorreu a sessão inaugural e a posse de sua

diretoria no salão nobre do Paço Municipal (SILVEIRA, 2008). Funcionou, com espaço cedido pelo Governador Borges de Medeiros, no Arquivo Público do Rio Grande do Sul até 1925, quando passou a ocupar as dependências do Museu Julio de Castilhos até constituir sua sede própria em 1943² (Figura 5), esta cedida pelo Governo do Estado (SILVA, 2018). Porém, tornou-se pequeno o espaço e com incentivos novamente do governo, viabiliza-se em 1964, a construção de um edifício em condomínio onde o IHGRGS ocupa três andares de uma construção anexa, onde até hoje está situado (Figura 6).

Figura 5 - Foto da primeira sede do IHGRGS



Foto: do autor, 2019. Fonte: Acervo pictórico do IHGRGS, 2019.

² Este prédio ficava localizado na Rua Riachuelo, no centro histórico de Porto Alegre, posteriormente demolido para a construção da sede atual do IHGRGS (Rua Riachuelo, nº 1317).

Figura 6 - Foto da atual sede do IHGRGS



Fonte: do autor, 2019.

A primeira diretoria eleita tinha a seguinte composição: Florêncio Carlos de Abreu e Silva, Presidente; Delphino M. Riet, Vice-Presidente; Francisco de Leonardo Truda, 1º Secretário; Eduardo Duarte, 2º Secretário; Emílio Fernandes de Souza Docca, Orador; Amaro Batista, Tesoureiro; Armando Dias de Azevedo, Bibliotecário - como consta na Revista do IHGRGS, Ano I, 1921, p.149 (apud SILVEIRA, 2008).

É de salientar um pequeno trecho do orador oficial na sessão inaugural:

Serviram-nos de base para a organização de nosso Instituto os modelares estatutos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mais antiga de nossas academias, e, no seu gênero, a primeira da América e uma das principais do mundo. (REVISTA DO IHGRGS, 1921 apud SILVEIRA, 2008, p.15)

Os sócios-fundadores, em número de 52 membros, merecem destaque em virtude de suas representatividades na sociedade local da época, podemos até reconhecer nomes em placas de rua de Porto Alegre atual, alguns exemplos: Achylles Porto Alegre, Tesoureiro da Fazenda do Estado, e um dos fundadores do Partido Liberal; Adroaldo Mesquita da Costa, professor e diretor da Faculdade de

Direito de Porto Alegre; Francisco de Leonardo Truda, diretor do jornal Correio do Povo; Lindolfo Collor, jornalista e escritor, designado por Borges de Medeiros para o jornal A Federação; Roberto Landell de Moura, padre e inventor, desenvolvedor de estudos sobre a telegrafia sem fio; Roque Callage, fundador do jornal Diário de Notícias, entre outros próceres de renome intelectual e social (SILVEIRA, 2008).

No terceiro capítulo abordaremos o acervo do IHGRGS que é a finalidade deste trabalho, mas como já foi colocado antes, era necessário o desenvolvimento histórico para o entendimento das motivações e contextos responsáveis pela atual existência do IHGRGS.

3 O IHGRGS E SEU ACERVO: origem e gestão

O acervo do IHGRGS é composto por inúmeros documentos, além de uma biblioteca com cerca de 60.000 obras, entre livros, periódicos e uma razoável quantidade de mapas. Está também sob sua salvaguarda objetos tridimensionais e obras de arte bidimensionais.

Todo este material tem origem em doações realizadas por membros do Instituto, ou de seus familiares, assim como da comunidade, reconhecendo a instituição como guardiã das memórias do Rio Grande do Sul. Alguns itens foram coletados por membros do Instituto ainda no início de sua existência, quando viajavam ao interior do Estado com a finalidade de adquirir peças que subsidiassem a produção da história do Rio Grande do Sul.

Atualmente o IHGRGS continua recebendo doações de acervos pessoais, porém, compostos somente por documentos arquivísticos. Deve-se incluir, entre o acervo existente, uma menção ao mobiliário de época, em madeiras nobres que ornaram algumas dependências do IHGRGS (Figura 7).

Figura 7 - Sala de reuniões com mobiliário de época

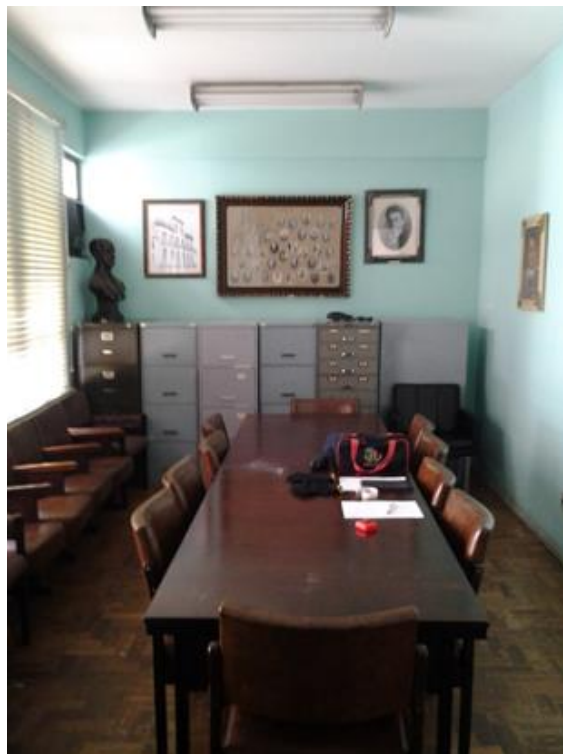


Foto: do autor, 2018. Fonte: IHGRGS, 2018.

A seguir abordaremos as características e o tratamento documental para cada tipologia de acervo da instituição.

3.1 Acervo arquivístico

Os documentos sob salvaguarda no IHGRGS abrangem um longo período da História do Rio Grande do Sul, desde quando ainda estávamos sob a égide Imperial. O IHGRGS abriga, portanto, 200 anos de história através da guarda de documentos que compreendem desde a época jesuítica, luta de fronteiras entre portugueses e espanhóis que mudavam os marcos geográficos entre Portugal e Espanha, como também a documentação política do Estado, passando por Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. O IHGRGS, junto com outras instituições, é um depositário fiel do patrimônio histórico do Rio Grande do Sul. Este é um processo ininterrupto e persiste até os dias de hoje, tendo como exemplo, a adjunção do arquivo pessoal da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, doado por seus familiares ao IHGRS no final do ano de 2014.

Deve-se entender arquivo pessoal, como um conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma pessoa física ao longo de sua vida, de suas atividades e função social. Citando Lucia Maria Veloso de Oliveira:

[...] esses documentos, em qualquer forma ou suporte, representam a vida de seu titular, suas redes de relacionamento pessoal ou de negócios. Representam também o seu íntimo, suas obras, etc. São, obviamente, registros de seu papel na sociedade, num sentido amplo. (OLIVEIRA, 2012, p.33).

Por esta assertiva, podemos considerar não só o arquivo Pesavento, mas quase todos os acervos arquivísticos que ora estão sob salvaguarda no IHGRGS sob essa perspectiva. Documentos estes denominados como fundos de arquivo, ou seja, documentos que tem a mesma proveniência e são organizados de maneira a refletir a vida e atividades de seus titulares.

O acervo arquivístico do IHGRGS, atualmente, é composto por 72 titulares, portanto 72 fundos, incluindo o fundo do próprio Instituto, além de nove coleções que designam documentos esparsos ou cópias sem afinidade com os titulares dos fundos, salientando a coleção IHGRGS. Estes fundos ficam acondicionados em armários especiais de metal com mobilidade deslizante por rodízios, que estão

contidos em uma grande sala com controle e acesso restrito, demonstrando uma gestão que segue as normas da Arquivologia. A maior parte deste acervo encontra-se disponível no site do Instituto, <https://www.ihgrgs.org.br/>, e podem ser consultados. O acesso físico poderá ser acessado na sede do instituto, à Rua Riachuelo, 1317, Centro Histórico de Porto Alegre, mediante preenchimento de ficha de cadastro e solicitação do material, estando este aberto à consulta, sem restrições. Porém, até o presente momento existem inúmeros documentos ainda em fase de catalogação, o que está sendo efetuado paulatinamente.

3.2 Acervo tridimensional e bidimensional pictórico de caráter museal

No decorrer da existência do IHGRGS as doações de documentos e livros eventualmente vinham acompanhadas de objetos, ou então, havia simplesmente a entrada de peças e obras de arte que não pertenciam ao processo padrão arquivístico. Como é bem colocado por Desvallées e Mairesse, em *Conceitos-Chave de Museologia*:

[...] é importante não confundir coleção e “fundo”, que designa, na terminologia arquivística, um conjunto de documentos de todas as naturezas, reunidos automaticamente, criados e/ou acumulados, e utilizados por uma pessoa física ou por uma família em exercício de suas atividades ou de suas funções. (MAIRESSE; DESVALLÉES, 2013, p. 32)

Portanto, estes objetos eram incorporados à instituição, mas não eram catalogados, não recebendo um tratamento documental como era realizado com os documentos arquivísticos.

Os objetos tridimensionais de pequeno e médio porte estão acondicionados em armário de metal e envoltos em tecido de material inerte (TNT), em uma sala onde também estão, em outros armários metálicos, documentos de arquivo, como se fosse uma reserva técnica da instituição, e com acesso restrito (Figura 8). Este acervo é composto por espadas, sabres, chapéus, medalhas, moedas e outros itens. Sendo que a quantidade não é grande, aproximadamente 50 ou 60 peças. Não são catalogadas, como também não possuem informações nas próprias peças ou embalagens. A dissociação com certeza está presente, pois não existem registros de entrada ou outra documentação que permita a identificação. Inclusive, nos “fundos” que estão disponíveis para pesquisa, não consta a presença de objetos

tridimensionais tornando, pois, as peças apenas como coisas passíveis de musealização.

Figura 8 - Reserva técnica do IHGRGS



Foto: do autor, 2019. Fonte: Fonte: IHGRGS, 2019.

Os móveis antigos que estão em algumas das dependências do IHGRGS consistem em mesas grandes, supostamente de mogno, na sala de reuniões e na sala da presidência e uma mapoteca em madeira nobre³. Dentro desta tipologia de acervo, destacamos a existência de um acervo iconográfico, o qual trataremos no subitem a seguir.

3.3 Acervo pictórico

Os procedimentos da Arquivologia diferem bastante das técnicas da Museologia, o tratamento de documentos no primeiro constitui “fundos” e, no

³ Como existem restrições a fotos e acesso em alguns ambientes, fica prejudicado um número maior de imagens.

segundo, o processo é individual, em função de uma série de técnicas museológicas, como pesquisa, catalogação, conservação e preservação.

O acervo pictórico do IHGRGS é composto por algumas dezenas de obras de variadas técnicas, desde óleo sobre tela até aquarelas, gravuras, bico de pena, crayon e, inclusive, fotos retocadas a pincel. Caracterizam-se basicamente por retratar personagens ou paisagens e casarios históricos. Encontram-se penduradas nas paredes do segundo e terceiro andares e também em algumas salas do Instituto. Foi feito um arrolamento das peças (Apêndice A), que apontou a existência de 26 obras, divididas em: 24 pinturas à óleo; um bico de pena; uma gravura⁴. Cabe ressaltar que em duas delas há informações no anverso e verso, totalizando 28 fichas. Em relação aos temas, sobressaem os personagens com representação histórica: 24 personagens e dois casarios. Todas as obras retratam personagens icônicas ou imagens de fatos relativos à história do Rio Grande do Sul. Destes há dois personagens, o Imperador D. Pedro II e o Visconde de São Leopoldo, que encontram-se representados tanto no IHGRS como no IHGB.

Neste processo criou-se um formulário específico para anotar informações básicas de identificação (Apêndice A), propiciando uma futura catalogação, assim como um manual orientando a maneira correta de preencher as fichas de arrolamento (Apêndice B), viabilizando uma metodologia uniforme.

As obras do IHGRGS não estão catalogadas ou possuem algum tipo de registro. Tal procedimento, em termos museais é fundamental, pois o processamento das informações envolve prévia pesquisa desses objetos, possibilitando que adquiram, dessa forma, o caráter de documentos (objeto-documento). Dito de outra forma, a catalogação de todas estas obras as tornaria objeto de museu, ou museália, contribuindo às intenções do IHGRGS de construir uma narrativa fidedigna da História do Rio Grande do Sul. Em termos conceituais, tomo por base Zbyslav Stránský, que em 1970 propõe o termo museália para designar as coisas que passam pela operação de musealização, e que podem, assim, possuir o estatuto de objetos de museu, tal aspecto abordaremos mais

⁴ Destaca-se que além dessas 24 obras, foi identificado uma carta em suporte de pano, com desenho de um mapa que está emoldurada e fixada em uma das paredes do prédio do IHGRGS, bem como um Diploma de Sócio Fundador do IHGRGS Embora não possamos enquadrá-los como uma iconografia, achamos importante incluí-los no arrolamento. Ver Apêndice A, nº de Controle 025b e 020b, respetivamente.

profundamente ao tratar da gestão museológica como condição essencial para estabelecer o fato museal.

As obras expostas são coletivamente testemunhas da intenção do IHGRGS de narrar a história do Rio Grande do Sul, com seus próprios heróis que ali estão retratados, ou casarios demonstrando as construções em seu antigo contexto. Como pode ser observado no apêndice, houve uma certa limitação histórica, pois devido à política de aquisição do Instituto, não houve doações nem interesse da instituição em absorver itens de caráter museológico concomitante às doações de cunho arquivístico. Não havendo, porém, uma data exata da interrupção de entrada de objetos tridimensionais ou bidimensionais.

O IHGB sempre manteve a aspiração de criar um museu que abrigasse seu acervo tridimensional e bidimensional, e conseguiu, como foi relatado anteriormente, porém o IHGRGS, apesar de manter seus objetos, nunca aspirou montar um museu nos moldes do IHGB, enfatizando a documentação de cunho arquivístico.

3.4 Gestão de acervo

As obras existentes no IHGRGS, pode-se interpretar, foram incorporadas devido ao seu valor histórico, que transcende o valor estético ou plástico, isto é exemplificado por Letícia Squeff em um artigo no Anais do Museu Histórico Nacional, sobre o quadro da coroação de D. Pedro II, pintado por Manuel de Araújo Porto Alegre (1808-1879), obra presente no IHGB desde 1974 em seu Salão Nobre.

Ninguna explicación histórica, por larga que sea, convierte em bueno um cuadro mediocre, pero si creo que nuestra valoración de que este cuadro, está cargado de um apasionado político y de que no es simplemente um melodrama histórico, nos hace, sin duda mirarlo com um espíritu afin a aquel com el que elogiamos lós cuadros clásicos, cargados de forma parecida, de finales del siglo XVIII. (HASKELL, 1989 apud SQUEFF, 2007, p. 105)

Este livro de Francis Haskell, “La elaboración del Pasado em La Pintura del Siglo XIX, in Pasado e Presente em el Arte y em el Gusto”, Madrid, 1989, mostra a preocupação de que a arte também seja encarada como documento. O quadro da coroação, por não cair nas graças do Imperador, permaneceu guardado por muito

tempo, até o IHGB descobri-lo e, constatando sua importância histórica, arcou com as despesas de restauro e o incorporou ao seu acervo. Está exposta no Salão Nobre devido às suas dimensões (40 metros quadrados).

A partir desse exemplo, evidencia-se algumas questões: Como resolver se uma pintura pode tornar-se um documento, ou ser percebida somente como obra de arte? Como gerir esse acervo? O que é necessário para pinturas que estão na condição de coisas se tornarem museálias? Ulpiano Bezerra de Meneses reforça que este é um trabalho longo e contínuo, salientando que:

A perspectiva que proponho sem dúvida acarreta obrigações além daquelas normalmente assumidas (não a substituição delas!). E, além disso, especial atenção para algumas questões, das quais destaco as mais importantes – aqui exclusivamente referências como não poderia deixar de ser, pela problemática do conhecimento: **A.** a necessidade de uma política de acervo, que envolva propósitos mais bem definidos, abrangência não aleatória, sistemática e coerente, para cobertura de problemas de conhecimento, pesquisa e mapeamento de campo e estratégias de aquisição são tão importantes quanto à obtenção de fundos; **B.** não se ignora que nenhum problema relevante (em qualquer área, história, antropologia, artes, ciências da natureza, tecnologia, etc.) possa ser coberto apenas com o acervo de um único museu, daí a necessidade de articulações de todos os tipos e objetivos, com especialistas e instituições – não para transferir responsabilidades, mas para fecundar sua especificidade com as especificidades complementares. As necessidades documentais impõem a organização de bancos de dados tão completos quanto possível, não apenas sobre o acervo, mas sobre os campos de problemas a serem cobertos. De novo, também, é bom tratar do acervo operacional, além daquele cartorial. **C.** a necessidade de um corpo próprio de pesquisadores (com formação no campo museológico e no campo de saber envolvido) é inquestionável. Da mesma forma, uma agenda de pesquisa institucional que evite as insuficiências e superficialidades da chamada “pesquisa para exposição”. As exposições, as atividades educacionais, de extensão e culturais deveriam ser entendidas como saques na conta alimentada pela pesquisa institucional. (MENESES, 2002, p. 24-25).

Portanto, estando os procedimentos de pesquisa e catalogação completos, inclusive com o devido assentamento em um livro-tombo, além de toda a documentação administrativa, como por exemplo, termos de aquisição constando a origem, doador, datas, entre outros campos de reconhecimento do objeto pode-se então considerar o acervo pictórico do IHGRGS como “documento”, fonte de informação aos pesquisadores, tal como são encarados os documentos do acervo arquivístico. Passa-se então, de um estado de “coleccionismo” para um status de “coleção”, como define Krysztof Pomian:

Todo conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporariamente ou definitivamente fora do circuito de atividades econômicas, submetido a uma proteção especial em um lugar fechado, mantido com este propósito e exposto ao olhar (POMIAN, 1984, p.52)

O objeto perde sua utilidade ou o seu valor de troca para se tornar portador de sentido (semióforo) ou portador de significado, assim, no caso do IHGRGS, o acervo pictórico, pelo processo de musealização, torna-se museália, no caso, “documento” histórico.

Mas a gestão de acervo, não se limita à documentação e pesquisa, há que pensar em conservação, preservação e comunicação. Ao partirmos do princípio de que todas as coisas têm início e fim e, portanto, objetos de museu também, cabe a instituição prolongar a existência de seu acervo tanto quanto possível. Na publicação do Conselho Internacional de Museus, Como Gerir um Museu: Manual Prático (ICOM, 2004), Nicola Ladkin em um artigo define que:

A gestão do acervo é o termo aplicado aos vários métodos legais, éticos, técnicos e práticos pelos quais as coleções do museu são formadas, organizadas, recolhidas, interpretadas e preservadas. A gestão do acervo foca-se na preservação das coleções, preocupando-se pelo seu bem estar físico e segurança, a longo prazo. Preocupa-se com a preservação e a utilização do acervo, e registro de dados, e em que medida o acervo apoia a missão e propósito do museu (LADKIN, 2004. p. 17)

Desta maneira, como todo objeto, quando o recebemos, encontra-se em um estado de conservação único e individual, cabe à instituição iniciar uma preservação que controle a existência da peça a partir daí. Mas deve-se salientar que estes cuidados deverão ser somados também à preservação do conteúdo documental, que virá com a pesquisa museológica, que instituirá a diferença entre uma obra de arte e uma obra-documento. O tratamento museológico documental preservará a identidade do objeto, valorando tanto o seu aspecto artístico, como também o seu protagonismo de arte-documento.

Concluimos que o IHGRGS tem sob sua salvaguarda um acervo único, que reúne as condições de transformar-se em objeto/documento, um exemplo de cultura e memória visual exclusivo. Mas, a não ser que se tomem as necessárias e urgentes medidas de conservação preventiva, ocorrerá não só um processo de deterioração, como também uma perda de identidade das obras, por falta de documentação. Sem

a devida catalogação com todas as normas museológicas, em pouco tempo pode-se perder de maneira irreparável informações inerentes às obras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação deste trabalho teve por base uma questão que elucidaria se realmente o IHGRGS possuiria acervo bidimensional pictórico e não só arquivístico. Um estágio curricular ali exercido não só demonstrou a existência de acervo pictórico com caráter museológico, como também objetos tridimensionais - espadas, medalhas, armas, chapéus e outros.

Entretanto, o foco inicial era a possível existência de obras de arte e, neste aspecto, detectando um acervo bidimensional, iniciamos a pesquisa. As obras são basicamente de personagens históricas e heroicas do passado sul-rio-grandense. Decidiu-se que a definição de acervo pictórico seria iniciada com uma série de ações da técnica museal específica, permitindo uma caracterização de acervo.

Inicialmente foi feito um arrolamento das obras e para isto foi criada uma ficha específica que contivesse informações suficientes de comprovação de existência, porém, não de catalogação, deixada para uma ação posterior. Foram preenchidas 28 fichas, sendo cada ficha pertinente a uma obra. A totalidade do acervo tem origem em doações que vinham acompanhando documentos de personagens com importância histórica no Rio Grande do Sul, porém como o Instituto, por definição, é um depositário de documentação de cunho arquivístico, não teria como cumprir com as técnicas museológicas necessárias para registro de acervo, resultando isto em ausência de documentação individual do acervo pictório, ocasionando uma consequente dissociação e perda de identidade, tanto é que, em algumas obras, não se sabe quem é o indivíduo retratado, em outras, não existe assinatura de autoria e data. Não esqueçamos que o espaço de tempo, ali contido, é de dezenas de anos entre a entrada das peças e os dias atuais, possibilitando assim hiatos de informação e memória.

Foram utilizados embasamentos da teoria museológica de vários autores, cujos nomes estão contidos no corpo do texto, permitindo diagnosticar o acervo, não só como obra de arte, mas defini-los como arte-documento, ou história visual. A partir destas definições, passou-se para o diagnóstico de gestão de acervo, com ênfase na conservação e preservação, onde foi possível constatar uma série de deficiências que prejudicam uma existência mais longa das obras, comprometendo uma existência de longo prazo.

A partir destes fatos surgiram outras questões, que deveriam ser respondidas, por exemplo, se existe acervo este deve ter alguma origem, mas não só isto, tem que haver uma receptividade por parte da instituição para este recolhimento. Vários autores relatam fatos que permitem relacionar os institutos históricos e geográficos com museus, ou, a existência de museus em suas dependências. Foi possível constatar então, um raciocínio lógico em uma linha de tempo de mais de 180 anos de história, desde a fundação do IHGB, em 1838, até a criação do IHGRGS em 1920. Foram analisados alguns aspectos contextuais de diferentes épocas, como Brasil-Império e Brasil-República, esta cronologia, convém salientar, é amplamente documentada nas revistas publicadas pelos institutos, iniciando com o IHGB, depois o IHGPSP, e por fim, o IHGRGS. Estas revistas, editadas trimestralmente, reúnem informações inestimáveis, merecedoras da atenção de outros pesquisadores. Ali estão contidos nomes históricos, atas de reuniões, resoluções, comportamentos sociais, comprometimentos políticos e todo um passado amplamente documentado, que permitem explicar ações contextuais e suas implicações no futuro.

Reforço o embasamento teórico aplicado, que pode ser observado durante a leitura. Sem isto, seria impossível diagnosticar e orientar decisões e ações museológicas, pois neste conhecimento estão contidos todos os ensinamentos adquiridos e assimilados durante o Curso de Museologia.

Espero ter contribuído para esclarecer, não só a proposta inicial, de caracterização de acervo pictórico de caráter museológico no IHGRGS, como também poder proporcionar discussões que gerem novas pesquisas em relação ao tema.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, José Neves. Memória para o futuro: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e seu museu, 1839-1889. In: ANAIS MUSEU HISTÓRICO Nacional, 37., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2005. p. 195-221.

BOEIRA, Luciana Fernandes. Quando a pátria é o Rio Grande, se escreve a história da nação. In: **IX ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, Porto Alegre: ANPUH-RS, 2008. p. 1-11.

_____. **Entre a história e a literatura: a formação do Panteão Rio-grandense e os primórdios da escrita da história no Rio Grande do Sul no século XIX**. 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/17662>> Acesso em: 1 out. 2019.

CHAGAS, Mario de Souza. **A Imaginação Museal: Museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. Rio de Janeiro: Minc/IBRAM, 2009. 258 p.

CRUZ, Gervásio José da. **Uma Página Memorável da História do Reinado do Senhor Dom Pedro II defensor perpetuo do Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1865.

DANTAS, Regina Maria Macedo Costa. **A Casa do Imperador: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional**. Rio de Janeiro, 2007. 276 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (Ed.). **Conceitos-Chave da Museologia**. São Paulo: ICOM, 2013. 98 p.

DORFMAN, Adriana; FRANÇA, Arthur Borba Colen; ASSUMPÇÃO, Maria Barbosa. Fronteiras Sul-Americanas: História, formas e processos contemporâneos. In: INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS DA UFRGS. **Anuário UNBRAL das Fronteiras Brasileiras**. Porto Alegre. 2015. p. 97-108.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 1, 1988, p. 5-27.

IHGB. **As sedes**, s.a. Disponível em: <https://www.ihgb.org.br/ihgb/historico/as-sedes.html>. Acesso em: 9 maio 2019.

LADKIN, Nicola. Gestão do Acervo. In: ICOM. **Como Gerir um Museu: Manual Prático**. França: ICOM, 2004. p. 1-250.

LAZZARI, Alexandre. A nação na província: o IHGB, o Rio Grande de São Pedro e a história nacional. In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, y. **Anais 2007: Associação Nacional de História – ANPUH**, 2007. p. 1-8.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. **Anais do IV Seminário sobre Museus-Casa: pesquisa e documentação**, Rio de Janeiro. 2002. p.17-40.

MUSEU NACIONAL HISTÓRICO. Há um século no Correio do Povo. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07 ago. 2018.

OLIVEIRA, Cecília Helena Lorenzini de Salles. Nos Bastidores da Cena - O Brado do Ipiranga: apontamentos sobre a obra de Pedro Américo e a configuração da memória da Independência. In: Oliveira, Cecilia Helena de Salles & Mattos, Cláudia Valladão de. (Org.). **O Brado do Ipiranga**. 1ª. Ed. São Paulo: EDUSP, 1999, p.61-75.

OLIVEIRA, Lucia Maria Veloso de. **Descrição e pesquisa**: reflexões em torno dos arquivos pessoais. Rio de Janeiro: Móbile, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. 142 p.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. v. 1 (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

PORTO ALEGRE. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL. **GUIA ARQUIVOS PESSOAIS E COLEÇÕES IHGRGS**. Porto Alegre: Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul, 2013. 122 p.

RODRIGUES, Maria Cristina Matos. “Uma Velha Aspiração do Rio Grande” O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul nos Anos 1920. In: FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente. (Org.). **Os Institutos Históricos e Geográficos: nação e região na historiografia brasileira**. Campinas: Pontes Editores, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Celina Figueira da. **INVESTIGAÇÕES E EVOCAÇÕES DO PASSADO: O Departamento de História Nacional do Museu Julio de Castilhos (Porto Alegre-RS, 1925-1939)**. 2018. 322 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

SILVEIRA, Daniela Oliveira. “O Passado Está Prenhe do Futuro”: **A Escrita da História no Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul (1920-30)**. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

STRÁNSKÝ, Zbyněk Z. O objeto da Museologia. In: BRULON SOARES, Bruno & BARAÇAL, Anaildo Bernardo. Stránský: uma ponte Brno-Brasil. **Anais do III Ciclo de Debates da Escola de Museologia da UNIRIO**. Paris: ICOFOM, 2017. p. 18-27

SQUEFF, Leticia. Esquecida no Fundo de um Armário: a triste história da Coroação de D. Pedro II. **Anais do Museu Histórico Nacional** – v. 39, 2007, p. 105-127.

APÊNDICE A - Arrolamento do acervo pictórico do IHGRGS

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 001b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

110 cm x 78 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira. Óleo sobre tela.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** [ilegível] () não (x) sim **DATA:** 1917

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Representação de uma figura masculina fumando, vestindo chapéu e capa.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem sinais visíveis de deterioração na região frontal. Alguns sinais de ruptura na parte traseira. Sem sinais de cupim.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni -05/09/2018

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL****Nº DE CONTROLE:** 002b**OUTROS NÚMEROS:****NOME/FOTO:****DIMENSÃO:**

60 cm x 71 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira com vidro frontal. Óleo sobre papelão.

ASSINADO: não sim **POR:****COM DATA:** não sim **DATA:****RESTAURO:** não sim **ASSINADO POR:****DESCRIÇÃO:**

Retrato do 2º visconde da cidade de Pelotas – José Antonio Correa da Camara

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Moldura deteriorada. Possui insetos em seu interior.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni - 05/09/2018

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL****Nº DE CONTROLE:** 003b**OUTROS NÚMEROS:****NOME/FOTO:****DIMENSÃO:**

131 cm x 104 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura feita por "Casa das Molduras" de Porto Alegre, com etiqueta na parte traseira. Óleo sobre tela.

ASSINADO: não sim **POR:** Grasilli**COM DATA:** não sim **DATA:** 1878**RESTAURO:** não sim **ASSINADO POR:** Gastão Tesche**DESCRIÇÃO:**

Retrato de figura masculina, provavelmente militar, devido à vestimenta: farda de gala e condecorações.

LOCALIZAÇÃO:**OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:**

Sem sinais de insetos.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni - 05/09/2018

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL****Nº DE CONTROLE:** 004b**OUTROS NÚMEROS:****NOME/FOTO:****DIMENSÃO:**

42 cm x 57 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira com passe-partout e vidro frontal. Desenho em crayon.

ASSINADO:**COM DATA:** não sim POR: F. Brillhante não sim DATA: 1971**RESTAURO:** não sim **ASSINADO POR:****DESCRIÇÃO:**

Representação de figura masculina de óculos.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Papel na parte traseira, ressecado e quebradiço.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni - 05/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 005b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

52 cm x 60 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira com passe-partout em madeira. Óleo sobre tela.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** F. Brillhante () não (x) sim **DATA:** 1972

RESTAURO:

(X) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato de D. FR. Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem danos aparentes.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni - 05/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

N° DE CONTROLE: 006b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

55 cm x 64 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Óleo sobre madeira. Moldura em madeira com passe-partout (Casa das Molduras POA).

ASSINADO:

() não () sim **POR:**

COM DATA:

() não () sim **DATA:**

RESTAURO:

() não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato do bispo D. Feiciano J. R. Prates

LOCALIZAÇÃO:

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Parte traseira da moldura deteriorada, comida por insetos.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni - 05/09/2018

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL**

Nº DE CONTROLE: 007b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

48 cm x 61 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira (ABC Vidros e Molduras). Óleo sobre tela.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** D. A. Saraiva () não (x) sim **DATA:** 11/06/1946

RESTAURO:

(X) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Figura masculina representando um religioso, um padre.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Parte traseira da moldura deteriorada, comida por insetos.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

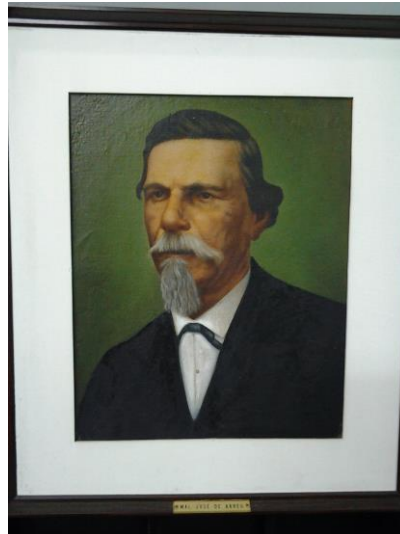
Máximo Simoni - 05/09/2018

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL**

N° DE CONTROLE: 008b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

59 cm x 69 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira com passe-partout. Óleo sobre tela.

ASSINADO:

COM DATA:

não sim **POR:**

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:** Gastão Tesche - 1990

DESCRIÇÃO:

Retrato de Mal. José de Abreu

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Alguns sinais de deterioração na parte traseira.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni - 05/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

N° DE CONTROLE: 009b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

20 cm x 25 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira (casa das molduras Porto Alegre) com passe-partout e envidraçado.
 Óleo sobre tela.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** F. Weber () não (x) sim **DATA:** 1860

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato de Giuseppe Garibaldi com farda de gala e condecorações. Com inscrição: "Früdingen & Ci° à Bâle".

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni - 05/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

N° DE CONTROLE: 010b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

44 x 56 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira (Edel Weiss POA), envidraçado. Gravura, possivelmente aquarela.

ASSINADO:

não sim **POR:**

COM DATA:

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, Rio Grande, 1740 – 1795.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Descolamento na parte traseira da moldura.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 05/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 011b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

47 x 63 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira e envidraçado. Crayon.

ASSINADO:

não sim **POR:**

COM DATA:

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato de Bento Gonçalves.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 05/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 012b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

46 x 55 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura em madeira (Edel Weiss POA), envidraçado. Litogravura – F. R. Moreau / Heaton e Grensburg.

ASSINADO:

não sim **POR:**

COM DATA:

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato do Barão de Caxias.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Moldura com parte faltante. Internamente comido por traças e cupins.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 05/09/2019

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 013b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

46 x 55 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Sem moldura. Óleo sobre tela.

ASSINADO:

() não (x) sim **POR:** [Ilegível]

COM DATA:

() não (x) sim **DATA:** 1939

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato de Bento Gonçalves.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Tela ressecada com pintura comprometida. Armação com problemas.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 05/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

N° DE CONTROLE: 014b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

55 x 65 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Moldura oval em material não identificado. Retrato.

ASSINADO:

não sim **POR:**

COM DATA:

não sim **DATA:** 1860

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato de Tito Lívio Zambecari 1802-1862. Doado por “Societa Nazionale Italiana Dante Aleghieri de Porto Alegre” ao IHGRGS em 1936, conforme escritos na parte de trás da moldura.

LOCALIZAÇÃO:

2° andar - corredor

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Moldura com partes quebradas.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

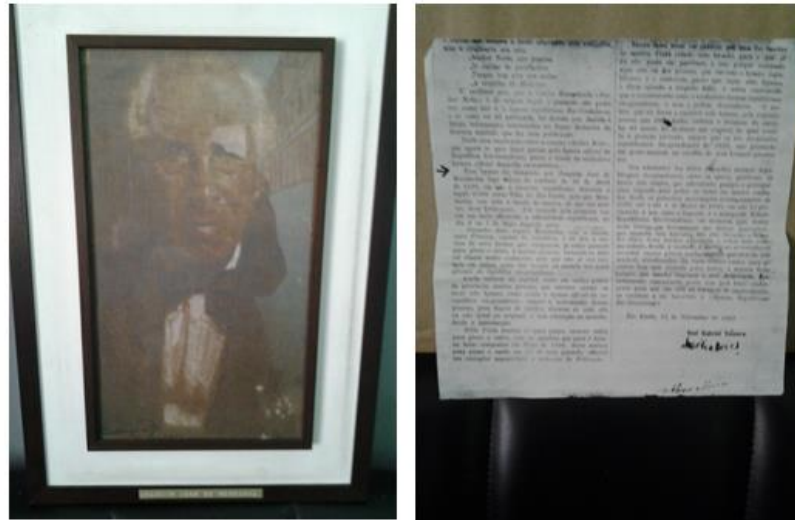
Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 015b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

32 x 46 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Retrato em Crayon com moldura de madeira e passe-partout e envidraçado.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** F. Bellancas () não (x) sim **DATA:** 1935

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato de Joaquim José de Mendanha, autor do hino rio-grandense.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar - Corredor

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Na parte traseira, recorte de jornal assinado por José Gabriel Teixeira sobre a controvérsia da autoria do Hino. Rio Pardo, 12/11/1887.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 016b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

47 x 62 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Retrato em Crayon com moldura em madeira e passe-partout.

ASSINADO:

não sim **POR:**[Ílegível]

COM DATA:

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Caricatura do Padre Landell de Moura

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Corredor

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

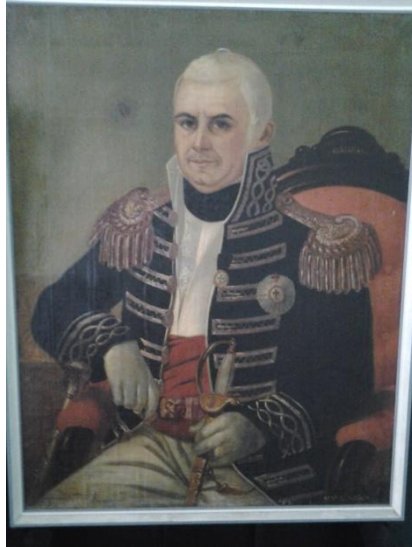
Máximo Simoni – 11/09/2018

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL**

Nº DE CONTROLE: 017b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

67 x 86 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Óleo sobre tela, moldura em madeira.

ASSINADO:

não sim **POR:**

COM DATA:

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:** L. Curia – 1970

DESCRIÇÃO:

Retrato do Visconde de São Leopoldo.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Corredor.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Furo na tela na parte superior (frente)

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 018b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

52 x 62 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Retrato em Crayon com moldura em madeira.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** S.A. Sisson Lith () não (x) sim **DATA:** 1864

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato de D. Pedro II, 1864

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Corredor

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Parte traseira com perfurações feitas por cupim.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 019b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

40 x 50 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Retrato em óleo sobre madeira com moldura em madeira.

ASSINADO:

não sim **POR:** Canovas

COM DATA:

não sim **DATA:** 1950

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Retrato de D. Pedro II.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Corredor.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL**

N° DE CONTROLE: 020b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

38 x 50 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Diploma com moldura em madeira.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (X) sim **POR:**

() não (x) sim **DATA:** 1923

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Ofertado pelo IHGRGS ao seu sócio fundador Armando Dias de Azeredo em 1923. Com figura representando a musa grega da História.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Corredor.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2019

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 021b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

62 x 74 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Retrato com moldura em madeira [técnica não identificada].

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** Phot. Ferrari (x) não () sim **DATA:**

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Senhor com bigode e suíças, vestindo casaca.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Corredor.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Comido por cupins na parte traseira.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

N° DE CONTROLE: 022b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

90 x 71 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Gravura com moldura em madeira e passe-partout.

ASSINADO:

COM DATA:

() não () sim **POR:** Pedro Américo () não () sim **DATA:**

RESTAURO:

() não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

A rendição de Uruguaiana. Padre Duarte. Coronel Estigarríbia. Cons. Angelo Muniz da Silva Ferraz. D. Pedro II. General Venâncio Febras. General Bartolomeu Mitre. S. A. Sr. Conde D'eu. Duque de Caxias. Duque de Porto Alegre.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Corredor.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Parte traseira comida por cupins. Necessita verificação se a gravura é de autoria de Pedro Américo ou feita a partir de uma cópia de uma obra original desse artista.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 023b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

66 x 68 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Retrato em óleo sobre tela, com moldura em madeira.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** G. Mondin (X) não () sim **DATA:**

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Figura masculina sem identificação.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Corredor

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 024b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

40 x 34 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Casario. Óleo sobre tela com moldura em madeira e passe-partout.

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** Ney Fonseca () não (x) sim **DATA:** 1978

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Casa de Bento Gonçalves em Triunfo.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Hall.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

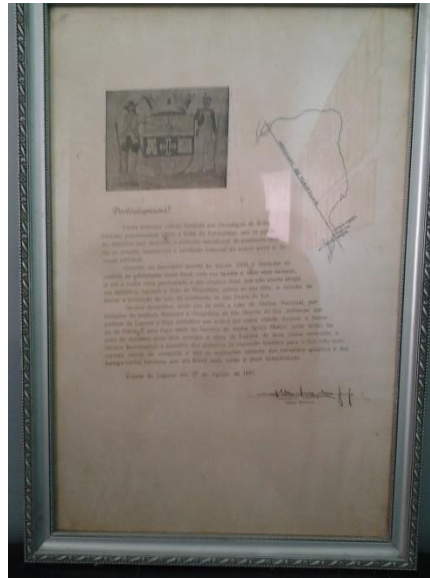
Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 025b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

34 x 49 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

)

ASSINADO:

COM DATA:

() não (x) sim **POR:** Prefeito de Laguna () não (x) sim **DATA:** 27/08/1950

RESTAURO:

(x) não () sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Carta do Prefeito de Laguna, Alberto C. enviando aos portalegrenses a chama da semana da pátria – 1950.

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Hall.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

Nº DE CONTROLE: 026b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

55 x 66 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Casario. Bico de Pena. Moldura em madeira. Envidraçado.

ASSINADO:

não sim **POR:** G. Weimer

COM DATA:

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Solar de D. Diogo de Souza, onde funcionou, inicialmente, o IHGRGS.

LOCALIZAÇÃO:

2º Andar - Sala de reuniões.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL**

Nº DE CONTROLE: 027b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

53 x 63 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Retrato em óleo sobre madeira, com moldura em madeira e envidraçado.

ASSINADO:

não sim **POR:**

COM DATA:

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Gen. Emílio de Souza Docca

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Sala de reuniões.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DOSUL
FICHA DE CONTROLE DE ACERVO BIDIMENSIONAL

N° DE CONTROLE: 028b

OUTROS NÚMEROS:

NOME/FOTO:



DIMENSÃO:

53 x 63 cm

MATERIAL/TÉCNICA:

Retrato em óleo sobre madeira com moldura em madeira.

ASSINADO:

não sim **POR:** Dánovas

COM DATA:

não sim **DATA:**

RESTAURO:

não sim **ASSINADO POR:**

DESCRIÇÃO:

Gen. Riograndino da Costa e Silva. 08/06/1902 – 12/09/1993

LOCALIZAÇÃO:

2º andar – Sala de reuniões.

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS:

Sem observações adicionais.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA:

Máximo Simoni – 11/09/2018

APÊNDICE B – Manual de preenchimento do IHGRGS

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Instruções de preenchimento da ficha de controle de acervo

Bidimensional

N° de controle: Alfanumérico, numeral arábico corrido seguido da letra B minúscula, indicando que é acervo bidimensional. É um número provisório, servindo apenas para identificar a peça. Deverá constar também quaisquer outros números ou inscrições que tenham servido para identificar a obra.

Nome/foto: Deverá constar o nome da obra, ou o que ela representa. A foto deverá ser inserida para que possa haver uma completa identificação sem possíveis dissociações, tendo em vista que não está sendo feita afixação do número de controle na peça.

Dimensão: Altura e largura, em centímetros. Auxilia na localização e em possíveis transferências e ou exposições.

Material/técnica: Descrever o tipo de material usado, como tela, madeira, etc., e a técnica, por exemplo: óleo sobre tela, gravura, aquarela. Caso não seja possível a identificação, colocar “sem identificação” entre colchetes, por exemplo: [óleo sobre tela].

Assinado por: Indicar o nome do artista que assina a obra. Quando a obra for assinada, mas não for possível a identificação do nome do artista, o campo deverá ser preenchido com “ilegível”, entre colchetes. Exemplo: [ilegível].

() não () sim por:

data: () não () sim data:

Descrição: Um breve relato sobre o que a obra revela, contexto histórico por exemplo. Indicar se a obra retrata uma pessoa, uma cena ou um cenário. Transcrever inscrições feitas na obra.

Localização: Deve ser indicado onde a peça está situada. Andar, corredor, sala, etc., facilitando sua rápida localização. Quando a sala, onde a obra estiver, for nomeada, indicar o nome da sala. Caso a peça esteja guardada em reserva técnica, indicar o trainel, prateleira ou gaveta.

Observações adicionais: Neste campo deverão constar indicativos extrínsecos à obra, mas úteis para futuros procedimentos, como: estado geral, danos verificados, ataque por agentes biológicos e quaisquer outros itens que possam contribuir para a conservação e preservação.

NOME DE QUEM PREENCHEU A FICHA, COM DATA: Informar o responsável pelo preenchimento da ficha com a respectiva data em DD/MM/AAAA.